

*Nulle plume n'écrit jamais rien d'éternel,  
Qui n'ait d'abord été plongée dans des pensers nocturnes.*  
**George Chapman, 1594**

A noite guarda em si significados vários. No seu aconchego, as sombras se alongam, dando volume aos medos, à imaginação, aos conteúdos do inconsciente. Se, por um lado, a manifestação desse lado “gauche” surge nas trevas, é também nesse espaço que, simbolicamente, se dá vazão às nossas fantasias, disfarçadas cotidianamente em gestos descontrolados, silêncios profundos, olhares maldosos e meios sorrisos.

A representação pictórica de cenas noturnas ocorre de forma muito significativa no século XVII. George de La Tour, Caravaggio são dois artistas - entre tantos outros - que eternizaram o estudo da luz através do delicado movimento da chama de velas. Intimidade, mistério, melancolia substantivam esse período da “arte noturna”. A fotografia oferece, da mesma forma, exemplares significativos, que permanecem em nossa memória: Atget e Brassai fotografam Paris; Bippus, Thielle & Kollien, Lopes, fotografam o Rio num começo de século de muitas transformações. Tecnicamente, o registro da luz baixa da noite através das películas fotográficas só foi possível com o desenvolvimento de emulsões mais sensíveis, comercializadas ainda no século XIX. A primeira fotografia noturna que se tem notícia no Brasil foi realizada por Revert Henrique Klumb em Petrópolis, uma paisagem do Rio Piabanha realizada entre 1870-75. Segundo o pesquisador Sergio Burgui, o resultado visual de aspecto noturno obtido pelo fotógrafo só foi possível porque ele lançou mão de artifícios técnicos como a subexposição controlada e o uso de filtros, forçando os limites de sensibilidade do colódio, e do desenho de uma lua feito no próprio negativo de vidro.

O trabalho dos quatro artistas convidados pela Galeria Tempo a expor nessa mostra aponta para algumas direções no sentido de interpretar esse espaço solitário da noite. Leonardo Aversa e Luiza Baldan buscam na cidade deserta os vestígios deixados pelo homem: arquitetura urbana e interiores vazios; luzes de uma cidade morta, deixando entrever uma vida diurna, ainda latente. Leonardo Ramadilha e Renan Cepeda opõem seus registros impressos nos materiais sensíveis da superfície fotográfica, seja pela luz agitada da cidade, seja pela luz construída pelo artista nas casas abandonadas do campo.

Mas, ao contrário do sentimento romântico que nos invade quando ouvimos os noturnos de Chopin, a realidade aqui se apresenta como um painel, uma realidade estampada diante de nós que, após observá-la, vamos construir individualmente em nosso imaginário uma forma para a noite, com vida e sentimento próprios. No caminho inverso, nos noturnos musicais, a realidade vivida pelo compositor surge do nada, do vazio, do negro, e se forma milagrosamente dentro de nós através das notas musicais, dos compassos lentos, melancólicos, sonhadores. Em ambos os casos, nos caminhos contrários e possíveis da criação, a arte se apresenta como possibilidade de representação de nós mesmos à luz de nosso inconsciente e à sombra de nossos gestos banais, num eterno e inesgotável mundo de possibilidades momentâneas, contidas no átimo do segundo fotográfico.

**Marcia Mello**